

muito forte, mas poder, não prestígio. Mesmo que
para isso seja preciso fazer alguma concessão. Mas
tudo justifica o poder e o poder justifica tudo. E, assim
frase é tua, muito boa. "Tudo justifica o poder
e o poder justifica tudo". Certo! Esta frase tem que
se tornar celebre, passará para a história.

LUIZA: Tudo justifica o poder e o poder justifica tudo?

O REI: Naturalmente, não é assim?

LUIZA: Não não.

O REI: Claro que é natural. Não está vendo a profundidade
filosófica que ela contém? "Tudo justifica o poder e
o poder justifica tudo". Na história mesmo não, eu
passar para a história com esta frase celebre.

LUIZA: Mas o senhor disse a frase agora mesmo e ela já é
celebre?

O REI: Ainda não, mas vai ser dentro de poucas instâncias
conhecendo o Conselho de Estado e os ministros dos Estados.

CONSELHEIRO: (Ao senhor) Já vou, Majestade.

O REI: Vá logo, não esqueça que o momento é histórico.

CONSELHEIRO: (Entrando) Prosa, Majestade, estou aqui.

O REI: Pague logo o papel e escreva o que vou dizer.

CONSELHEIRO: Prosa, Majestade, pode dizer.

O REI: (Olhando) "Tudo justifica o poder e o poder justifi-
ca tudo".

CONSELHEIRO: Sim.

O REI: Não, é que seu conselho?

CONSELHEIRO: Quero dizer: mais alguma coisa?

O REI: Não, seu respeitável pensador. Pra que dizer mais
alguma coisa depois de uma frase dessa? Não!
Esta frase que é uma frase celebre?

CONSELHEIRO: Ah, sim.

O REI: Logo é que está escrevendo.

CONSELHEIRO: (Lendo) "Tudo justifica o poder e o poder
justifica tudo".

O REI: E então, não é uma frase celebre?

CONSELHEIRO: É bem interessante. Qual foi o filósofo que
disse?

O REI: Eu, seu conselho.

LUIZA: E o senhor agora é filósofo?

O REI: Eu sou eu. E só é tudo.

CONSELHEIRO: (Lendo para si) "Tudo justifica o poder e o
poder justifica tudo".

O REI: (Entrando) Agora eu quero que esta frase se torne
celebre que fique na história, se não esta frase cele-
bre das grandes reis.

CONSELHEIRO: Sim, Majestade, para que esta frase se tor-
na celebre e fique para história, tem que se justificar
dentro de um acontecimento histórico importante. E
se não o decorear de longo e que ela vai ser lembrada
para a posteridade é...

O REI: Sua explicação não me interessa. Eu quero que
esta frase seja celebre e ela será, tá entendendo?
Quem é você pra vir me dizer se minha frase é celebre
ou não?

CONSELHEIRO: Está bem.

O REI: Claro que está bem. Agora, vá redigir um decreto
que eu quero assinado, dizendo que esta frase é cele-
bre e que ficará na história.

CONSELHEIRO: Sim, senhor, Majestade.

O REI: "Tudo justifica o poder e o poder justifica tudo".

LUIZA: Não vejo nada demais nessa frase.

O REI: O quê, nada? Quer interpretar minha filosofia? To-
do grande rei tem que ter de dizer uma frase celebre,
ou não que dizer a coisa, não é?

CONSELHEIRO: Claro, Majestade.

O REI: E agora, vá logo, vá logo pensar sobre o assenta-
mento mais importante da história desta reino.

CONSELHEIRO: O que foi, decorear esta coisa de novo.

O REI: Não, seu conselho.

CONSELHEIRO: Sua sugestão não está?

O REI: Não, seu conselho.

CONSELHEIRO: Ainda geral?

O REI: Não, seu conselho.

CONSELHEIRO: Redigir dos impostos?

REI: Não, creio.

CONSELHEIRO: E o que é, então?

O REI: O aniversário do meu filho, eu vou.

CONSELHEIRO: Ah, sim.

O REI: E então?

CONSELHEIRO: E então é que?

O REI: Vou ainda pensar, seu respeitador? Não quero
que é mais tarde do que eu. Já, não consigo encon-
trar, não é que se não posso pensar uma frase que
fique bem, lembrada por um longo de conselho que
não sei de nada?

CONSELHEIRO: Mas majestade.

O REI: O que é? Vai querer me contrariar, me contradizer?

CONSELHEIRO: O senhor quer comemorar o aniversário de sua filha.

O REI: Pope calado, seu tolo! Você está me tirando a paciência.

CONSELHEIRO: Eu apenas te digo.

O REI: Você não te dá a mão. Ou lá?

CONSELHEIRO: Não senhor.

O REI: Se você quiser fazer alguma coisa ao lado sua filha, faça-a você de mau a mau. Tá entendendo?

CONSELHEIRO: Sim, senhor.

O REI: Mandei você para os profissionais de infantis. Se não para responder o que eu perguntar. Aqui só quem fala sou eu, que sou o rei desta corte. Não neguem, tá me ouvindo?

CONSELHEIRO: Sim, senhor.

O REI: Então preste atenção, seu valente: vamos todos se ajoelhar, de hoje a oito dias, a festa de quinze anos de minha filha, entendido?

CONSELHEIRO: Entendi.

O REI: Vou realizar a maior festa já vista na face da terra. Uma festa que vai matar todo mundo de fome. E eu quero que você, desde já, comunique a todos da corte a realização dessa acontecimento. Ouvia, não vagabundeia pensando?

CONSELHEIRO: Pode ficar tranquilo, majestade. Tomarei todas as providências.

O REI: Assim é que se faz. Três milões de coronas e trabalhar que não tenha tempo a perder.

CONSELHEIRO: Primeiro vou repassar a festa dos convidados. O número de uma festa dependa, principalmente, dos convidados.

O REI: Então vamos voltar logo disso. No dia do aniversário da minha filha quero esta cortejo cheio de gente importante, gente de futuro, de governo. Não vai ser qualquer coisazinha que vai matar os milões de lá, não. Vamos cuidar disso, vamos logo. (Saem.)

(BATEM OBT)

CORO: (Entrando com Luiza) O que foi que houve, pois amor de Deus?

LUIZA: O que, Corô?

CORO: Para onde eu fui não é o povo chorando, tá achando. Trabalhando forte aí.

LUIZA: É ordem do rei. Ele disse que quer a festa lá. Mandou igual a uma pra pra comemorar a festa dos quinze anos da filha dele.

CORO: Festa de quê, Luiza?

LUIZA: Festa dos quinze anos da princesa.

CORO: Espere aí, Luiza. Como é mesmo isso história?

LUIZA: O Rei disse que daqui a oito dias vai o aniversário da filha dele, é que vai ser a maior festa já vista no mundo.

CORO: Éu tá é que faltava.

LUIZA: Disse até que vai ser lá os dias e três milões de festa.

CORO: Milão Milão Sêntimo, o que foi que agora deu lá na cabeça do rei?

LUIZA: Tá não. Tá só que disse ainda que tem convidados de toda parte do mundo, até de estrangeiros. E você não ficou aí parado não, trata de fazer alguma coisa, porque se não chegar a comemorar você mesmo, parado, vai ser um co de burro danado.

CORO: E eu estou ligando? Então é morte de estande.

LUIZA: Corô.

CORO: O que é, Luiza?

LUIZA: O Rei não está de brincadeira não.

CORO: E eu sei, por acaso? Já não bastam os dez lotes que a gente passa apertado no chão da cidade pra sustentar as famílias dessas lá de cá?

LUIZA: Quando com a língua. Corô, que mais tem coisa e manda logo então.

O REI: (Entrando aí) ... então você está aí, não é, seu sapão?

LUIZA: Eu não disse?

CORO: São muito coisa, mesmo.

O REI: Pensando, todo tempo, como se fosse o dono do mundo, não é?

CORO: Não senhor, Majestade. É que estou chegando agora mesmo do Rio de Janeiro.

O REI: Já?

CORO: O sol já se escondia.

O REI: E como vai o trabalho?

CORO: Viagem Maria, vai uma folha. Anselmo, he, de fazer a lampa. Foi trabalhado, mas deu para acabar numa semana. Já todo tempo, não tem um pé de mato. O feijão está todo florido. Se Deus quiser vamos ter uma ano à maior safra de feijão que já se viu. Só a metade vai dar para alimentar a pessoal durante um ano todinho, e o milho, nem se fala. Essa é que está sendo todo entalhado, só o melhor resto.

O REI: Quando vamos lá trabalhar com você?

CORO: Quase toda, e tudo disposto.

O REI: Então, pode começar amanhã, bem cedinho, você leva todo o pessoal com a comida na mão, que nós vamos fazer um trabalhinho entre.

CORO: Plantar mais alguma coisa, Majestade?

O REI: Claro, seu senhor!

CORO: Mas, o que, se a terra toda está plantada de milho e feijão?

O REI: Pagar colado e no mundo estão esperando chegar amanhã um carregamento de rosas e jasmim. São dez caixas de flores que eu estou mandando. Quanto tudo isso plantado logo que chegar. Já, não se esqueça! Quando chegar o dia do aniversário de minha filha, quero este reino transformado no maior jardim do mundo.

CORO: Majestade, nos jardins de castelo não cabe nem um quinto dessa quantidade de plantas.

O REI: E quem foi que disse que vou usar os jardins para plantar tudo isso, seu senhor? Para que eu quero todas essas flores que passam? Não?

CORO: Mas não estão todas coladas de milho e feijão?

O REI: E daí? Arranca!

CORO: Arranca!

LUIZA: Virgem Maria,

O REI: Exatamente. Arranca, deixa todo limpo. E não fique me olhando com esse cara de peixeiro não, que eu não gosto de cara feia. Vou arrancar tudo que tem plantado nas terras desse reino e plantar rosas e jasmim por tudo quando é verde. Vou perfumar o reino com rosas.

CORO: O senhor está doendo, Majestade?

O REI: Está me chamando de doendo, seu alvejado?

CORO: Majestade...

O REI: Que é isso.

CORO: Se a gente arrancar a lavoura, o que é que vamos comer?

O REI: Vai comer castela no convento aliado.

CORO: O senhor deve está ficando completamente louco.

O REI: O que, seu senhor?

CORO: O senhor tem a dispensa cheia, não vai ter problema.

O REI: Se disser mais uma palavra, eu lhe fasso.

CORO: Mas a gente vai morrer de fome.

O REI: Chamando, não! Sargento, Sargento.

CORO: E porque Sargento?

O REI: Chamando! Sargento, manda este ladro.

LUIZA: Minha Nossa Senhora, não dá para.

CORO: Está ficando louco, Majestade?

O REI: Chamando! Sargento, manda este ladrão.

LUIZA: Paga, Coré. Vai embora.

CORO: Não vai está doendo (ele está lá gritando).

O REI: Mandem este ladrão.

LUIZA: Coré, Coré!

CORO: (Ele correu e gritando) Quem levou aquela roupa e um filão de pó!

O REI: Canche! Arranca! Vai pagar caro, vai se arrastar de dor e dia em que nascer.

LUIZA: Ai, meu Deus.

O REI: E o resto desse Sargento que não aparece?

SARGENTO: (Entrando) O que foi que houve? O que foi que houve? Quem matou, quem morreu?

O REI: Ninguém ainda não, mas vai morrer. Ora se vai! Degradado e espartilhado.

SARGENTO: Quem, Majestade?

O REI: Aquela canche, corrupto e ladrão.

SARGENTO: O nome dele, Majestade? Diga o nome.

O REI: Vai pagar com o sangue.

LUIZA: Ai, minha Nossa Senhora, por que Coré foi fazer aquilo?

SARGENTO: Ai, lá Coré, aquele corrupto?

O REI: Não vai aquele canche me agredindo?

SARGENTO: Claro que vi, Majestade.

O REI: Vai a tropa que ele matou matou e matou?

SARGENTO: E como podia deixar de ver?

O REI: Já sabe o que fazer, não é?

SARGENTO: Naturalmente. Pode riscar o nome dele da lista dos vivos.

O REI: Então vá logo cumprir seu dever, sua obrigação.

SARGENTO: É por lá.

O REI: Espere, tem outra coisa. Amanhã vou mandar arrancar toda a plantação de milho e feijão de muitas terras, e plantar trigo e jasmim no lugar.

SARGENTO: Sim, senhor.

O REI: O trabalhador que achar ruim minha ordem...

SARGENTO: Deve comer casaca por criar vergonha na cara. O REI: Isso mesmo.

SARGENTO: Não, Senhor, Majestade. O nobre que desobedece sua ordem, vai sentir o peso da justiça e saber o que é uma autoridade.

O REI: Muito bem, agora vá cumprir seu dever.

SARGENTO: Sim, senhor, não.

O REI: Não, Deus, como é duro ser rei. É preciso ter castigo, força e perseverança.

LUTIA: Majestade, o senhor vai mesmo fazer isso que tá dizendo?

O REI: Isso é quê, Lúcia?

LUTIA: Uma bruxa de mandar arrancar o milho e o feijão e plantar trigo e jasmim no lugar?

O REI: Você não ouviu quando eu disse? Claro que vou. E só por isso, por causa dessa bruxa, o castigo do Coré vai chegar de dentro e as revoltas contra mim. E assim que paga tudo que tenho feito por ela? E assim que eu sou agratado? E assim que eu reconheço minha bondade e minha compreensão? O que ela é, é um grande mal agredido. Ela é todo mundo. Todo mundo sente raiva é não-agradado. Ninguem reconhece o que faço. Ninguem reconhece meu esforço e minha luta pelo progresso deste reino. Vou me matando, me arruinando pelo bem de todos e lutando pela paz e pela justiça no meio do meu povo. E o que foi que ganhou com isso? Uma filha e um coração entristecido. Mas Deus lá, crente Lúcia, e lá, de

me recompençar na eternidade. Ah, Lúcia, como eu sei por isso. Como eu sou nobre. Você não sabe que eu sou um homem nobre?

LUTIA: Não. Os homens nobres dos séculos deuses.

O REI: Mas não são tão nobres não. Isso não tem nada, não porque eu sei tomar medidas providenciais. Essa caridade vai toda se perder consigo. Pensei que eu sou bondoso, é? Então enganado. Vai todo mundo se enganar.

LUTIA: Tudo mundo?

O REI: Sim, todo mundo, ninguém escapa de minha lei.

LUTIA: Ninguém mesmo, Majestade?

O REI: Apenas meus amigos.

LUTIA: Então, não escapa ninguém mesmo, não.

O REI: Ah, de quem não tem amigo do Rei. Ah, de quem não tem amigo do Rei. Na minha cidade, sempre quem se alveia é me contrariar.

LUTIA: Então, não, Majestade, não escapa. Assim é dentro das paredes.

O REI: E eu não posso. Não consigo não. Porque quando mais servem ao Rei, quanto mais agredido eu sou, quanto mais eu sofro, aí é que eles se dirigem às minhas costas. Eles não deixam para que eu sou de coragem. Mas eu não sou. Não mesmo aí por fazer algo a mais contra de vagabundos.

LUTIA: E, o senhor é duro mesmo.

O REI: Sou mais do que tudo pensa. Sou forte como um leão e duro como um pedalo.

LUTIA: É um coração entristecido.

O REI: Não me entristeço quando eu tenho raiva. E por isso que eu não sou nobre. Não quero mais pensar nos problemas, só quero paz, conforto e alegria para o meu coração. E agora me diga uma coisa: como não se agredido para o grande leão?

LUTIA: Vai todo mundo se enganar.

CONSELHEIRO: Entendendo Majestade, Majestade.

O REI: Eu estou totalmente perturbado aqui, sou, agredido pensando.

CONSELHEIRO: Majestade.

O REI: Não é isso. Não está certo que eu estou falando?

CONSELHEIRO: Não, Majestade.

O REI: Quer me contrariar, é?

CONSELHEIRO: Não, senhor.

O REI: Então fazei tratado e não guerra.

CONSELHEIRO: Sim, senhor.

O REI: Quero que logo mesmo mande pedir o tratado. Tratado. Por dentro e por fora.

CONSELHEIRO: O tratado foi pedido ao meu passado, Majestade.

O REI: E daí? Não pode mesmo de me contrariar, não é?

CONSELHEIRO: Não senhor, Majestade. Deus me livre.

O REI: Eu quero lá saber quando foi que não foi o tratado. Eu pergunto por isso, não indago? Eu quero saber quando que quero que padeira o tratado de hoje. Já está dado?

CONSELHEIRO: Não, senhor.

O REI: Certo não tem que ser pedido, no mínimo, quando vou por isso. Certo de todo tempo a mais. Um tempo sempre sempre uma coisa tempo. Preciso também mandar fazer uma coisa nova. Não já tem uma armada de mar. Já está dada, Louis?

LUIZA: Não, senhor.

O REI: O quê? Não tem chamado de infante, repareis?

LUIZA: Não foi a senhor mesmo quem disse que era infante? Não me propugna ao rei, senhor.

O REI: Mas não foi naquela hora, infante.

LUIZA: Que disse, que tem hora que o senhor é infante e tem hora que não é?

O REI: Naturalmente.

LUIZA: Ah, sim?

O REI: Eu não estou dizendo que aí tem desde ao meu pai.

LUIZA: Mas o senhor não uma coisa e depois da outra.

O REI: Você devia saber que não foi por de hoje tempo. Quando disseram. Tudo mesmo, indagação é assim mesmo: contraditório e temporariamente. E não, não vagamente pensando, está pensando as providências que mandei fazer?

CONSELHEIRO: Tudo está sendo providenciado. Vou agora mesmo mandar pedir o tratado e fazer uma coisa nova.

O REI: Aprenda a mandar também fazer uma coisa mais de fazer. Quero um tratado novo na estrada do tratado. Não tem no meio da estrada, da maneira que se

imagina alguns andar no caminho sem que seja uma coisa, perpetuando em terras mais felizes e mais importantes.

LUIZA: Uma coisa completa?

O REI: Não. Aprenda um pouco. É por não dar tempo. Já está, manda fazer um tratado novo, dizendo que foi o tempo que mandei construir um fortificação e não tratado em fazer dele. Certo?

CONSELHEIRO: Certo.

O REI: E agora também uma fortificação para chegar à terra. Não construa uma fortificação que precise. Não vá fazer terra por aí, não.

LUIZA: Podem chamar o pessoal do reino que está chegando.

O REI: E agora pronto?

LUIZA: Não disse que é isso. Tem um tratado que é uma coisa, um tratado que sempre digo e não mais de mais, e outro que passa um mês sem dizer. Também um tratado com toda parte, um todo preparado e uma duração de cinco dias.

O REI: O que é que você acha?

CONSELHEIRO: O senhor querendo...

O REI: Construa e pensei de não pedir, a culpa é de Louis. Não é necessário.

LUIZA: Não? Por que não? Então apenas, falando, não tenho nada com aquela parte de terra.

O REI: Alguns tem que se responsabilizar por alguns coisas. Tudo bem, que ter um, naturalmente.

LUIZA: Por que eu fui dizer a Louis?

O REI: E também quando não estiverem aqui uma parte feita muito de tratar as coisas.

LUIZA: Se não estiverem aqui, não que possa apresentar a Louis?

O REI: Não há tal negócio infante. Construa de um homem novo.

SARGENTO: (Entrando) Ainda não, Majestade.

O REI: O quê? O homem acabou?

SARGENTO: Acabou.

O REI: E não há mais, não tem mais?

SARGENTO: O homem se acabou, senhor.

O REI: Quem vai fazer é você se não mandará dentro de duas horas.

SARGENTO: Espalhai essas sementes por todos os lados... até os cachorros, lápis e réguas por todo canto e tudo de Deus.

O REI: Agora tem que pagar pela semente que seivi.
Se não não pagarem, quem vai pagar o pelo é você, por deixar de ser incompetente.

SARGENTO: Estou fazendo o possível.

O REI: Não me interessa o que você está fazendo. Quero minhas colheitas abundantes.

SARGENTO: Fim senhor.

O REI: Agora desamarela de minha vista, aí aparece aqui com o homem. Tá entendendo?

SARGENTO: Sim senhor, sim.

O REI: Ai minha filha, ai meu coração entristado. Essa casa, gente aí me tá tratando e apressando. Ainda tem que tá bem em si para chegar mais tarde.

LUIZA: Custada, Majestade, se a senhora for desobedi e a situação vai lá não aguenta.

O REI: Não tenha medo. Para mais coisas meu coração é de aço. O que eu não aguenta e apressado é a minha vida.

CONSELHEIRO: Majestade, o senhor não acha melhor lá desamarelar um pouco?

O REI: O que é que você está dizendo, conselheiro? de verdade? Você já está me falando com cara de que sou um animal? Você aí me tá desamarelando? Aquela aí me tá desamarelando? Eu tenho que estar sempre atento. Sempre vigiando aí é que está e não aguento não desamarelar nunca. Espasmo aí dentro desamarela, os olhos apasmiados, paranoias, transtornos, plantando. Semelhante sempre dentro do não desamarela nunca. Tá entendendo? E agora me diga mais coisas, senão alguns comandando sobre as necessidades de flores?

CONSELHEIRO: Já recomendar que vá lá a cozinha. Chegar lá aqui vontade de morrer.

O REI: Assim que chegarem, mande plantar tudo, imediatamente. E achando um pé de feijão e plantando um pé de feijão, achando um pé de milho e plantando um pé de rosa. Depois é só aguar tudo e pronto, termino e não mais paranoias e colando de vontade. E a senhora, como é que está? Tem algum problema? —

CONSELHEIRO: Acho que tem.

O REI: Não pare... aí é que você está. Pare aqui e tem os não vou mais.

CONSELHEIRO: É porque eu não sei direito, Majestade.

O REI: Lá, secretariamente tudo da parte. Vamos lá, não vou. Aqui, se eu não souber de tudo, ninguém sabe de nada. Vamos lá, não com o Conselheiro.

LUIZA: Mas Deus, minha Nossa Senhora, e agora? O que é que vai ser de Deus e de todos nós? O rei está ficando cada vez mais. Primeiro é uma briga maluca, depois uma disputa de plantas por todo mundo e tudo. Onde já se viu tal coisa? E o pior é que agora quer matar Deus aí porque o colado após defendendo o feijão da gente. Enquanto isso o Sargento e o Conselheiro de morte vivem passando o tempo dele para poder garantir a vida. Ai meu Deus, tudo isso por causa da loucura desse rei...

COMO: (Entrando) Não tem nada de loucura. Isso tudo é apenas a realidade.

LUIZA: Deus, você aqui?

COMO: Queris que eu continue aqui?

LUIZA: Não dizer de Deus, onde você estava? Então. Eu procurando por todo mundo.

COMO: Foi lá estava logo aí.

LUIZA: Humm, vá se lembrar. Se o Sargento pagar você aqui, minha Nossa Senhora.

COMO: Aquela briga de lama pega ninguém.

LUIZA: Deus, não brinque. A poluição dentro está aí de você. Reflexos que os cachorros.

COMO: Mas senhora, que eles estão procurando lá fora e eu aqui aqui dentro.

LUIZA: Que deve ser em você por você dizer aquilo tudo com o rei?

COMO: Você acha que eu devia ficar calado? Eu dizendo que tá arrependido a loucura e eu de briga cruzada? De que jeito.

LUIZA: Mas é que foi que você resolveu? Nada. Se tem coisa a situação. A coisa agora está pronta pra cima de você. Deus, o rei está querendo lá matar.

COMO: Dando mais.

LUIZA: É o que é que você vai fazer?

COMO: Se ainda não, mas vou ter que fazer alguma coisa.

LUIZA Você tem que se esconder. Ir embora pra bem longe.

CORRÊ E quem vai defender a lavoura? Nada disso, Luiza, eu vou ficar aqui e arrastar um peso de impedir que ela faça a lavoura que está pensando.

LUIZA Você quer ir contra os trabalhos do pai? Não está vendo que seus amigos, não pode lutar contra ele?

CORRÊ Eu não posso e ficar sem fazer nada, olhando para lá e olhando e ele arrastando toda a nossa lavoura. Aquilo tudo é da mãe. A vontade pertence a ele, que é o dono das terras, mas a cultura pertence a mim, que plantamos e colhemos depois tudo. Não é agora eu quero arrastar e prender. Se ele ficar assim, o que é que vamos fazer? Não mais de várias famílias esperando naquela lavoura. Não está vendo que eu não vou engarlar isso colado?

LUIZA E o que é que você vai fazer?

CORRÊ Tenho que fazer qualquer coisa. E você vai me ajudar?

LUIZA Não.

CORRÊ Você mesma. Ou está do lado dele?

LUIZA Deus me livre e guarde.

CORRÊ Então voude primeiro a gente tem que atacar um acampamento seguro pra mim, depois...

LUIZA Certo.

CORRÊ O que é, Luiza?

LUIZA O que danado é que você está planejando?

CORRÊ Ah, aqui não tenho nada definido, mas eu sei ter que lutar um pouco pra não deixar escravado.

LUIZA Fala, senhor de Deus, Corré, parece que o Sargento tem ali. Corre, vá embora.

CORRÊ Já vou, Luiza?

LUIZA Ah, meu Deus.

CORRÊ Onde eu me escondo?

LUIZA Minha Nossa Senhora.

CORRÊ Arraia com esse negócio de Deus e Nossa Senhora e depois logo vou eu me escondo.

LUIZA Foge ali, atrás da árvore. Depois a gente avança um lugar melhor. Depressa, homem de Deus. (Corre se escondendo.)

SARGENTO (Chamando) Tudo bem por aqui, Luiza?

LUIZA Bem coisa nenhuma. Não está vendo que estão arrastando me arrastando pra limpar a terra? Tudo isso mesmo? Ah que arrastando.

SARGENTO Se eu não estiver empobrecido nessa, então não difíce e perigoso, sei que poderia lhe ajudar um pouco.

LUIZA Muito agradecida. Mas fique lá com o seu trabalho que eu fico aqui com o meu.

SARGENTO Muito bem. Mas agora me responde: por que você não viu se o trabalho do Corré passou por aqui?

LUIZA Não, por acaso, o senhor acha que depois de tudo aquilo, Corré ia ficar por aqui, pensando pra lá e pra cá?

SARGENTO Perguntei por precaução. Claro que sei que ele não anda por aqui. Depois colado deve estar longe, se expulso de modo de mais tempo. Mas eu o sei mesmo. Ora se escondo.

LUIZA E não encontra não, pra ver uma coisa?

SARGENTO O que é que você está querendo fazer?

LUIZA Nada não. Mas por mim eu tinha vontade o pai dele que se Corré não fosse encontrado, alguém ia pagar por ele.

SARGENTO Ora, Luiza. Você sabe que isso é impossível de eu. E eu não sei?

LUIZA Não não.

SARGENTO Não está vendo que ele não vai fazer isso mesmo? Nem pra trabalhar e não, e ninguém aqui aqui o sabe dele mais do que eu.

LUIZA Isso tudo mesmo não.

SARGENTO Então não vai ser por causa de um empregado como Corré que ele vai perder um elemento como eu, ignorado e incompetente. Você não acha?

LUIZA Quando eu vejo dessa coisa eu não acho nada.

SARGENTO Mas se pelo menos eu tivesse uma ideia de por onde ele anda. Ah, como eu tenho muita coisa colado.

LUIZA Agora o senhor deve está com dó dele, não é?

SARGENTO É a casa e meu dever: ter culpa e collar tudo aquilo que transgredir as normas leis. Pode ser meu melhor amigo, não da vida, nada.

LUIZA Mas eu acho melhor o senhor se cuidar porque quando a gente está aqui procurando, Corré anda muito por aí.

SARGENTO Você é muito amiga dele, não é, Luiza?

LUIZA Não não?

SARGENTO Alô, tem ali certas intimidades com ele.
LUIZA É o de sua conta.
SARGENTO Contado que eu posso enquadrar você como suspeito.
LUIZA Conto de ser boato, homem. Todo mundo não viu quando Coré saiu depois da carreira, depois da confusão com o Rei?
SARGENTO Mas você, com toda sua intimidade que tem com ele, pode muito bem saber onde é que ele está escondido.
LUIZA Acho melhor e melhor se procurar e deixar de conversa mole.
SARGENTO Estou investigando.
LUIZA Já passou se o rei chegar aqui agora e encontrar o senhor de mãos atreladas?
SARGENTO Eu vou avisar, **LUIZA**, porque o senhor me chama, mas se você estiver de espírito ruim, não vou ficar, certo? A segurança do reino está em jogo. Não quero ir lá.
LUIZA Coré não mudou traqueço, Sargento.
SARGENTO Mas desconfio a ordem, a lei e a justiça. É um bandido, um bandido que tem que ser punido.
LUIZA Então vá punir o homem, Sargento, que o Rei está esperando.
SARGENTO Agora mesmo.
LUIZA Vá de cumprimentos a lei, Sargento.
SARGENTO Nesse instante.
LUIZA Vá avisar a justiça, Sargento.
SARGENTO Nesse momento.
LUIZA Vá manter a ordem, Sargento.
SARGENTO (Mas correndo) É por aí, **LUIZA**.
LUIZA (Hortando) Coré, Sargento.
Coré (Quando ele se encaminha) O que foi que houve?
LUIZA Acabei de falar o Sargento pra você.
Coré Que conversar é com, **LUIZA**?
LUIZA Então vá olhar e veja se ele não vai na carreira.
Coré É como foi isso?
LUIZA Ah, não sei explicar isso. Só sei que a gente começou a conversar, a conversar, quando eu disse: "você" o homem correu.
Coré Isso não.
LUIZA Será que eu tenho alguma força oculta?
Coré A gente mata não a força que tem.

LUIZA Será que isso vai sempre dar certo?
Coré Isso é que, **LUIZA**?
LUIZA De falar eu sei, mas pra comer aí mandando?
Coré Depende da vontade e das circunstâncias. Mas agora me vouste arrumando eu sei lá aí mandando e com aqui conversando lá fora e botando o Sargento pra correr, eu tracei meus planos.
LUIZA Mas, Coré. Agora que falou o Sargento pra correr, escreva em tudo.
Coré Muito bem, **LUIZA**. Então presta atenção.
LUIZA Vá dizendo. Se for preciso falar alguma pra correr, é comigo mesmo.
Coré Você sabe que o Rei se dá muito, violento e autoritário, mas no fundo é um grande covarde. Mandou a ordem de suplicação.
LUIZA Isso eu posso garantir.
Coré E agora me diga: de que é que ele tem mais medo?
LUIZA De morrer.
Coré Então está armado e meus planos.
LUIZA Espere aí, Coré. Ainda não estou entendendo.
Coré Mas vai avisar, Coré: o Rei está arrumando todo mundo e querendo fazer uma insurreição, por que?
LUIZA Ainda, não sei não.
Coré Porque está se atrelando, seguro e tranqüilo em um edifício.
LUIZA Ah, bom.
Coré Mas se forramos em que ele se está arrumando, aí é muita coisa de fazer. Vai ficar tranqüilo e não se como um covarde, como já tem acontecido várias vezes.
LUIZA E isso mesmo. E por isso que eu vou até lá que parece um arde, agora estou entendendo o por que.
Coré É igual a todo covarde. Quando se sente exposto é boato, violento e diz que não tem medo de ninguém. Mas quando se sente ameaçado por qualquer coisa, passa logo a falar e a querer agitar. Chega a perdoar e pedir perdão a todo mundo, passa até a ler livros, ações de coragem e fica mesmo.
LUIZA E mesmo, Coré. Mas agora me diga como é que.
Coré O resto é fácil. Pra gente montar a festa da coroação do Rei, é só fazer com que ele se esteja arrumando.
LUIZA Quer dizer que vamos atacar o Rei?
Coré É não é lógico?

CIGANA 1: Salve glorioso e formoso Rei, que tem nas mãos o destino de todos nós, e que não governar com justiça e amor este reino de paz e prosperidade.

CIGANA 2: Salve grandioso Rei, que tem na voz o som das trombetas angelicais e no coração a justiça do Salvador.

O REI: O que é que vós quereis, bruxas? Não dizendo logo a maldade que eu não tenho tempo a perder não. Se quereis, distendei, distendi, que eu não tenho mais por ao está dar um jeito.

CIGANA 1: Sempre sou corajoso, Majestade. Não é ainda de distender que estamos aqui. Não foi distender que pagou a liberdade.

CIGANA 2: Não é infante.

O REI: Infante?

CIGANA 1: Sim. Pois a vida é formada de apostos. Se existe a felicidade, tem que existir também a infelicidade, para que haja o equilíbrio necessário à vida. O dia existe para que haja a noite. O claro e o escuro.

CIGANA 2: O homem e a mulher.

CIGANA 3: Deus e o Diabo.

CIGANA 4: O bem e o mal.

CIGANA 5: O facto e o pensamento.

O REI: E daí? O que é que tem, tudo isso com a vida de vocês aqui?

CIGANA 1: Não se desilua. Pois nada acontece em vão. Tudo está ligado, até as menores pequenas coisas.

CIGANA 2: Minha presença e minha ausência. Tudo isso faz parte do destino de mundo, do destino da existência.

CIGANA 3: O que não aconteceu ainda, está para acontecer, e assim a vida se processa por ela mesma. Não somos apenas instrumentos nas mãos do destino.

CIGANA 4: O destino é o único senhor de tudo.

CIGANA 5: O grande e digno soberano...

CIGANA 1: Tudo vem do nada, e tudo se nada retornará. Nada é a grande lei eterna da qual ninguém escapa.

O REI: Quer dizer que eu também vim do nada?

CIGANA 1: E se nada retornará, como tudo se revolta.

O REI: Não se está um rei. Eu sou um rei.

CIGANA 2: Escutei no tempo longo das mortes como todos iguais.

O REI: E quem falou... morte? aqui? Não? Não tem para vir de falar de morte, porque se não, não se aguentam. Podem ir dando o bom dia.

LUIZA: Então calma, Majestade calma.

CIGANA 1: Faltava eu falando, em tudo, incluindo as designações da morte. O que está para acontecer, acontecerá. Foi a vida da vida não gira para trás.

O REI: E o que é que está para acontecer? O que é que se está sendo tramado?

CIGANA 2: Em nada alteramos a estrutura das coisas. Elas acontecem por si mesmas.

CIGANA 3: Muita coisa está para acontecer.

O REI: O que de que tipo? De bom ou de ruim? Não dizendo logo.

CIGANA 1: Tudo tem seu tempo.

O REI: Ai minha filha, já estou ficando nervoso.

CIGANA 2: Tempo de falar e tempo de calar. Tempo de vir e tempo de morrer.

O REI: Ai meu coração entristado, é hoje.

CIGANA 1: Hoje é o dia em que as linhas da vida vão se cruzar com as linhas da morte.

O REI: Eu não dou?

CIGANA 1: Pois a morte faz parte da vida.

O REI: Não da minha. Minha vida é ao de vida mesmo. Eu sou um rei.

CIGANA 2: Ninguém está livre das maldades do destino. Nem o grande nem o pequeno. Nem o velho nem o criança. Nem o rico nem o rei.

O REI: Eu não tenho nada com o destino, nem ele tem comigo. Eu sou o que eu sou com o destino de minha gente.

CIGANA 3: Assim como alguém pode morrer sem saber quem é.

O REI: O que é isso e uma ameaça?

CIGANA 1: Não, Majestade, um alerta.

O REI: Alerta porque? Que história é essa de alerta?

LUIZA: Então calma, Majestade.

O REI: Calma uma vez. O que é que está tramado? Que se está de tudo.

CIGANA 2: E agora, Majestade. Foi para isso que viemos aqui.

CIGANA 1: Mas não por vontade nossa, por imposição do destino.

CIGANA 2: De lado negro do destino.

O REI: Olham aqui, duas brancas, se vocês não disserem logo o que tem a dizer, eu mando fazer uma fogueira bem grande e fazei vocês dançarem.

CIGANA 2: Tem coragem de nos matar, não sabe antes o que está para acontecer?

O REI: Se não disserem logo eu mando arrastar a fogueira de vocês.

CIGANA 1: Escute o que temos a dizer e depois pode fazer o que bem entender.

O REI: Eu sempre faço o que bem quero.

CIGANA 2: Mas, em todo caso, ouça.

CIGANA 2: Hoje, exatamente no meio-dia, hora em que o destino anda sobre as nuvens e as estrelas, a morte tem uma volta que é muito mais que sabe convencer com os animais, resolveu um grande voto.

CIGANA 2: Estaremos as três ocupadas com nossas magias, quando de repente ela sentiu que alguém a chamava. Largou o lago que estava segurando a fogueira e correu para o terreno da casa.

CIGANA 1: Não duas fogueiras o mesmo.

CIGANA 2: Lá fora não havia ninguém. Mas ela, que tem o misterioso dom de conversar com os mortos, viu o que não duas não tinham visto.

CIGANA 1: Um morto passando na rua sem a fogueira da morte.

CIGANA 2: Instantaneamente depois.

CIGANA 1: Majestuosamente também.

CIGANA 2: Com os olhos carregados de morte e a desgraça no seu acentuado e poderoso.

CIGANA 1: Em um sinal de desgraça, um sinal de morte.

CIGANA 2: Uma tragédia está para acontecer.

LUTIA: Já, meu Deus.

O REI: Ah, se não sabem verem nada demais. Desgraça e tragédia aconteceram todas as dias. Constantemente.

CIGANA 2: Esperamos então que a natureza continue trapaceando as coisas do destino.

CIGANA 1: Ficamos as três em silêncio olhando o crucho no cemitério que também era fogueira. Foi aí que ele falou as suas três coisas, deu três pulos para a esquerda e veio em direção a este Castelo.

O REI: Foi só? Não que quer dizer não, não?

CIGANA 2: Quando aproximou com a Cigana. Que é para aí que se dirige a desgraça.

O REI: Não. E portanto, não pode ser. Você está mentando. Você querendo prender vocês duas e uma coisa qualquer. Isso é uma invenção de vocês para me tirar o reino. Mas eu não vou pagar nada. Isso é uma mentira, inventada de vocês. A desgraça que vai acontecer é com vocês.

CIGANA 1: Mas tudo de que o senhor quer vai mudar o rumo dos acontecimentos. A morte segue do destino dentro esta direção.

O REI: Mentira. Você querem me iludir, brincar. Mas aqui não vai acontecer nada.

LUTIA: Majestade, o senhor não mandou matar Caryl?

O REI: E daí? Apesar de gente, por acaso?

CIGANA 1: É a morte que se dirige para aí, não é um lugar apenas das fogueiras não. Ela tem outras destinos.

O REI: É que destino é esse? O que é que vocês estão pensando que vai acontecer, lá fora, duas brancas?

CIGANA 2: O crucho em cima da nuvem, no meio-dia, era um prenúncio de morte. Alguém vai morrer.

O REI: Todo dia morre gente. Isso não é novidade e não me interessa.

CIGANA 2: Mas não é todo dia que morre gente sendo matado.

O REI: Hoje mesmo está para morrer um, depois aquele crucho que me desmentiu.

CIGANA 2: E aí que está o sinal da Majestade.

O REI: Eu estou me esquecendo, esqueci também.

CIGANA 1: Mas desta vez esqueceu-se. Ou, melhor, o destino lhe confundiu. A volta que a morte fará a este castelo acontecerá e dele com um morto negro. Desta mesma maneira.

LUTIA: Já, meu Deus!

O REI: Tudo isso é verdade. Porém destino não muda se eu quiser. Já na semana passada mandei matar duas de elas.

CIGANA 2: Mas não terá assim desta vez. O destino tem suas próprias regras.

O REI: E quem são as pessoas que têm morte aqui? Além de vocês?

CIGANA 1: Foi o que não perguntamos quando o crucho veio nesta direção, quem morreria?

O REI: As coisas acontecendo uma por uma no castelo. Já meu castelo está matando.

CIGANA 1: Mas ainda existe um jeito de escapar.
 O REI: (Caminhando para o lado) O que? O que foi que você disse?
 Regina: Você falou um sabugão? Diga, cigareta, não.
 CIGANA 1: Ele quis dizer que tem toda esta pendura
 O REI: Oh, graças a Deus. Nenhum mal, não. Eu sei.
 LUTIA: Não por que, Majestade?
 O REI: Quem sabe e não. Mas não disse?
 CIGANA 1: Eu disse apenas que ainda existe um jeito de escapar.
 O REI: Já foi um jeito de escapar, eu sei, não, não.
 LUTIA: Como é que vai ser isso, Majestade?
 O REI: Quem sabe e não. Não é verdade, cigareta, não existe uma maneira de escapar dessa desgraça!
 CIGANA 1: Então
 O REI: Como é? Diga.
 CIGANA 1: Não.
 O REI: Pode falar. Eu sei que é que você quer, e que não vai mudar.
 CIGANA 1: O padre morreu porque matou a rainha.
 O REI: Sim, agora me diga como é que vai sair disso, não é o que tem interesse.
 CIGANA 1: Mas não quer dizer que o rei morrerá, de morte cruel e misteriosa, exatamente porque vai matar um vassalo.
 O REI: E daí?
 CIGANA 1: E daí que o Rei não morrerá se não matar um vassalo.
 O REI: O que?
 CIGANA 1: Isso que estou dizendo. Dê-me sua mão (Lendo a mão do Rei. Põe-lhe as trapas pelo destino, sua vida está em sua mão, a morte deverá chegar a tempo do rei, duas horas depois da morte de Coré).
 O REI: Isso é uma desgraça.
 CIGANA 1: Não se preocupe, Majestade, o senhor também morrerá se matar Coré.
 O REI: Ai é que está muito desgraça eu já mandei matar o desgraçado.
 LUTIA: Então pode mandar matar uma rainha?
 O REI: Ai minha Rainha, Rainha, o que é que eu faço?
 CIGANA 1: Sua vida se alimenta da dele. Ele morrendo, o senhor não pode escapar.
 O REI: O que é que eu faço, Luiza?

LUTIA: E aí não matar Coré.
 O REI: Mas eu já mandei matar aquela rainha.
 LUTIA: Mas não que já mataram o homem?
 O REI: O Sargento não pôs isso.
 LUTIA: Eu não soube bem não ter compreendido ainda sua ordem.
 O REI: Oh não que aquilo é incompreensível, é bem simples de se entender e agora só precisa ser feito isso.
 LUTIA: Eu não sei.
 O REI: Certo, Luiza, pois Amor de Deus, vá procurar o Sargento diga a ele que eu quero duas horas, curando o estado de saúde.
 SARGENTO: (Entrando) Majestade, Majestade...
 O REI: Sargento.
 SARGENTO: O homem está morto.
 O REI: (Desolado) Oh!
 SARGENTO: O que é isso, Majestade?
 LUTIA: Maluco Coré.
 SARGENTO: Não.
 LUTIA: Graças a Deus.
 SARGENTO: Não vou matá-lo.
 LUTIA: Isso muito difícil.
 SARGENTO: Que aconteceu com o rei?
 LUTIA: Não sei mais que o homem deu uma lágrima.
 SARGENTO: Não, porque?
 LUTIA: Vamos primeiro acudir o homem, depois eu explico.
 SARGENTO: (Caminhando e olhando para o lado) É o que é que está dizendo está fazendo aqui?
 LUTIA: Vamos fazer uma coisa.
 CIGANA 1: Já demonstramos demais, comadre Luiza, vamos embora (Cham).
 LUTIA: Não tipo comadres, é obrigada pela visita.
 SARGENTO: Ei, espere, Diabo o que está acontecendo aqui aqui?
 LUTIA: Primeiro me diga uma coisa: se Coré está vivo, quem foi então que morreu?
 SARGENTO: O pai dele.
 LUTIA: O pai de Coré?
 SARGENTO: Não, De Rei.
 LUTIA: E esse morreu bem por?
 SARGENTO: Talvez não. Não sei. O colado estava bem colado e vivea abandonado no chão. Morreu

faz pouco tempo e quando acaba vem correndo. É a notícia. Só que não passou que via gostava tanto de um do pai, a ponto de chamar com a notícia.

LUIZA: Não foi nada disso não. O homem veio das quatro horas do por outro lado. Agora espera aí que o homem está chegando.

O REI: (Voltando a si) Sargento... Sargento...

SARGENTO: Pode falar, Majestade.

O REI: (Reparando a Sargento pelo pensamento). Como você está, você quer saber sempre?

SARGENTO: Deus me livre, Majestade.

O REI: É por que você faz isso, seu filho?

SARGENTO: Mas é que foi que eu fiz?

O REI: Você matou?

SARGENTO: Não. Eu morrei por si mesmo.

O REI: Ah, não, sempre chorando.

LUIZA: Majestade, quem morreu não foi Coré não.

O REI: O que você está dizendo, Luiza?

LUIZA: Isso mesmo. Não foi Coré quem morreu não.

O REI: E quem foi, Sargento?

SARGENTO: Seu pai.

O REI: Crianças e Deus, meu Deus. Que história.

SARGENTO: Majestade, eu estava dizendo que foi o pai de quem você morreu, o marido de sua mãe.

O REI: É a por isso mesmo que estava falando. Então não. É. Quei, não, Sargentinho morto, onde é que o homem está?

SARGENTO: Ainda não conseguiu localizá-lo, Majestade. Mas pode ficar tranquilo que de hoje ele não passa.

O REI: O que seu filho? O que é que você está dizendo?

SARGENTO: Eu juro, Majestade, hoje mesmo eu acabo com a vida daquele safado.

O REI: Eu é que vou acabar com a sua, seu verme. Eu vou acabar com ele da cabeça do chão, eu juro você.

SARGENTO: Mas o senhor não mandou matar o homem?

O REI: O que eu mandei não interessa.

LUIZA: O que interessa agora, é que seu Majestade quer o homem vivo. Não é Majestade?

O REI: Naturalmente.

SARGENTO: Eu não entendo mais nada.

O REI: É quando foi que você mandou? Então não não

é pra saber se você matou, é quando pra cumprir ordem. É... não matou agora e trouxe Coré vivo e sem nenhum problema.

SARGENTO: Então, se é assim, está certo.

O REI: Vá logo procurar o homem antes que acabe alguma coisa de ruim a ele. Se encontrarem alguma coisa com Coré eu acabo com a vida.

SARGENTO: Ah, minha Nossa Senhora.

O REI: É o que é que você ainda está esperando aí? Anda logo que minha vida corre perigo. E de hoje eu deixo você e o responsável pela vida de Coré. Se ele tiver pelo menos uma gripe, você se fode, tá entendendo?

SARGENTO: Sim, senhor.

O REI: E vamos voltar de procurar o homem. Coré agora vá para lá.

LUIZA: (Chamando Coré, que está escondido) Coré, chega homem de Deus, que a coisa está dando certo.

CORO: (Apagando) Eu bem que lhe disse.

LUIZA: Ah, então há de ser alguma coisa. Foi só as crianças contarem aquelas histórias inventadas e ele mudar de ideia pra isso. Mandou até o Sargento tomar conta de sua vida.

CORO: E agora que eu sei depois daquela vida-torta.

LUIZA: Não, tudo como você pensa.

CORO: Ótimo. Agora vamos para a segunda parte do plano.

LUIZA: Eu que disse você ainda está pensando, Coré? Você não já estava se espiando?

CORO: Como aqui lá fora, já que a situação está boa para o meu lado, eu tenho que aproveitar e fazer logo tudo que tenho a fazer. Porque é agora ou nunca.

LUIZA: É o que é que você ainda quer mais?

CORO: O respeito.

LUIZA: Você ainda está pensando aquilo? Deixar esse respeito pra lá, Coré. O respeito é a gente se dar bem. Rapaz que você tá pensando só porque se machucou a derretido e feijão das outras, mas ficou sabendo que ninguém tá morrendo por você não. Então melhor deixar pra lá e aproveitar enquanto o Rei está seu amigo.

CORO: Meu amigo? Aquilo lá é amigo de ninguém! Ele só não me mata porque está com medo de morrer. E eu vou aproveitar a situação pra ver se acho o jeito de fugir.

LITIA: Se não, tá sei que se eu fosse você não ia mais criar isso não. Já pensou se eu desconfiasse?

O REI: (Entrando) Coré, meu filho, você está vivo?

CORO: Não me entregas, Majestade.

O REI: Eu sei que você não ia me abandonar.

CORO: Pode dizer a qualquer. Eu já estava mesmo cansado de viver.

O REI: O que é isso, rapaz, afianço?

CORO: É não, Majestade, é que não aguento mais esta vida.

O REI: E por que não? O que é que está faltando? Roupa, dinheiro, comida, mulher? Não? Diga. Eu sei aqui pra isso, pra dar o que você quiser.

CORO: Quero nada não, Majestade pode deixar. Faltou o gosto pela vida. Não está vendo que eu não me entrego?

O REI: Entregar-se pra quê?

CORO: Pra morrer em suas mãos.

O REI: Eu mataria você você vai é viver. E viver bem.

CORO: Ah, não, Majestade.

O REI: Não o quê?

CORO: Quero não.

O REI: Não quer viver bem não?

CORO: Não quero mais viver de jeito nenhum.

O REI: (Entrando) Você tem que viver, seu filho. Quer me dizer a justificativa?

CORO: É exatamente pra não tirar mais sua paciência, nem irritar, nem aborrecer a mais ninguém, que estou querendo dar fim a minha vida. Minha vida aí faz aborrecer os outros.

O REI: (Sacudindo-o) Menos a mim. Sua vida aí me dá prazer.

CORO: Nada pra mim dá certo. Tudo que eu faço é atrapalhado, tudo que eu faço é errado. O que eu pensava que era certo no final das contas não era. Trabalhei a vida toda pra dar de comer os outros e não tenho um pedaço de farinha. Não tenho um pau pra dar mais gelo. Pra viver assim a melhor morte.

O REI: Ah, Coré, não fale assim que meu coração se fartaria de lhe fazer desconfiar. Deixe aqui, meu rapaz, me compreenda. De repente eu desconfio que você é

uma pessoa importantíssima. Agora eu estou vendo a quanto você é importante, quanto você tem valor. Você já tem que compreender sua importância dentro deste reino. Sua força, seu talento, sua inteligência. Tudo isso não pode ser jogado fora assim não. O reino espera muito de você. Todos são expectantes, o mundo todo espera.

CORO: E mesmo alguma coisa, Majestade? O senhor não queria me matar?

O REI: Ah, Coré você de guerra, aquilo foi uma brincadeira. Você não sabe que eu gosto de brincar?

CORO: Mas brincar de matar?

O REI: Oh, Coré, eu sou assim mesmo: quanto mais ridículo do mundo mais eu ligo brincadeiras perigosas. Mas tudo não passa de uma brincadeira. Agora é diferente, não é, hein?

LITIA: Parece que é.

O REI: Parece o dia, sua querida. Não está vendo que é? Quer confundir o rapaz, quer divertir de seu talento?

LITIA: Não, Majestade.

O REI: Então não diga bobagem. Não está vendo que Coré tem um futuro pela frente?

CORO: Um futuro negro, Majestade.

O REI: Nada disso, rapaz. Não se preocupe.

CORO: Meu futuro é a morte.

O REI: Pelo amor de Deus, não me fale essas palavras.

CORO: É a realidade da vida.

O REI: Desistindo por quê? A vida não é tão bela? Não agradece?

CORO: Menos pra mim. Tudo que eu acho bonito os outros acham feio. Tudo que eu dou valor, ninguém dá.

O REI: Isso é impressão sua.

CORO: Impressão seria menteira. Por exemplo: o senhor não vai plantar rosas e jasmims no lugar do milho e do feijão?

O REI: Pra pertencer a nobre e rico. Não é uma tolice?

CORO: Oba aí, tá vendo? Quando o senhor planta rosas e jasmims, eu planto milho e feijão. Tá vendo como eu só posso errar?

O REI: Mas isso é uma tolice, Coré.

CORO: Uma tolice que me deixa angustiado. E não tem uma coisa que me mata mais depressa do que angústia.

O REI: Você não pode morrer, Coré.

CORO: É a angústia que vai me matar.

O REI: Você está angustiado só por causa disso?

CORO: É não sei por que não? O que me angustia mais no mundo é ver alguém arrastar um pé de ferro por plantar, uma rosa, arrancar um pé de milho e plantar um pé de jasmim. Já sei pensar nisso eu começo logo a sentir um gosto de morte na boca. Ah!

O REI: E quem vai fazer isso aqui, Coré?

CORO: O senhor não vai...

O REI: Eu lá, Coré lá. Claro que não vou mais fazer essa feitura. Eu sou lá, dueto, repas.

LUIZA: Quer dizer que aquela história de plantar e colher é coisa arcaica?

O REI: É coisa arcaica que eu vou contrariar Coré, Luiza? Eu sou trilhão tem coisa mais. Eu, eu, eu, eu sou um graça.

CORO: Ah, Majestade, tá vendo como não se critica de Deus? Já só o senhor dizer isso e eu de repente começo a me sentir lá. Agora sim, já estou sentindo a maior vontade de viver.

O REI: É vai sentir muito mais. Porque, de hoje em diante, tudo que você gostar é só dizer que a gente faz, não é Luiza?

LUIZA: Porque que é?

O REI: Porque que é é que, coisa ruim. Não está vendo que é? É assim com esse angústia de quando eu perguntar uma coisa, você diz que parece que é. A coisa aqui é eu não é. Não tem nada que parece. Agora, veja aí, Coré: quem que você vai dizer o que é que é o aborrecido? Aquilo que você não gostar e lá aborrecido, faça uma lista e me mostre que eu vou fazer um decreto proibindo. Nada mais, de hoje por diante, só proibição é que levara satisfação pra você.

LUIZA: Então vai ser bom demais!

O REI: Ora se vai. Pode ficar tranquilo, Coré. Vai ser tudo como eu estou dizendo.

CONSELHEIRO: (Entrando) Majestade, acabamos de chegar agora mesmo as recomendações de flores que o senhor ordenou.

CORO: Ah, minha angústia.

O REI: O que? Quem foi o caduco que deixou essas recomendações em minhas terras?

CONSELHEIRO: Ideia, Majestade...

O REI: Trepas logo em todos.

CONSELHEIRO: Foi o senhor quem ordenou.

O REI: Você certo e que eu disse? Quer me contrariar?

CONSELHEIRO: De jeito nenhum.

O REI: Então faça com que essas recomendações sejam descuradas de minhas terras imediatamente.

CONSELHEIRO: Sim, senhor.

O REI: Então vá e leve o que estou dizendo. Não é Deus-Deus? É você, Coré, não fique preocupado não, que tudo isso vai sair bem.

CORO: É de repente eu fiquei preocupado.

O REI: Mas não tá de que se preocupar, Coré. Espere aí que eu mesmo vou cuidar disso, pessoalmente. (Desce)

CORO: Tá vendo, Luiza, como não se critica? Nem instante tudo mudou.

LUIZA: É, está tudo bem demais. Mas só quando isso vai ficar assim?

CORO: Até as coisas tomarem outros rumos. Esse povo é assim mesmo, muda conforme a moda.

LUIZA: Coré,

CORO: O que é, Luiza?

LUIZA: Será que agora você vai ter coragem de dizer a ele o que está agindo, talvez leve o aborrecido?

CORO: Ora se vou. Antes que esse maluco pense que eu sou um bicho, vou ter que dizer a ele que tem filho de tem.

LUIZA: Hummm, que ideia mais doída dessa rei. Quer fazer o aborrecido de uma filha que nem existe. Vá!

FIM

Mérida, setembro de 1975